

O Estado de vigilância impulsionado por IA da China*

Valentin Weber

Valentin Weber é pesquisador sênior do Conselho Alemão de Relações Exteriores e associado do China Foresight na LSE IDEAS. Foi pesquisador sênior do Open Technology Fund em Controles de Informação no Berkman Klein Center for Internet and Society da Harvard University e é doutor em segurança cibernética pela Oxford University.

A inteligência artificial (IA) está transformando não apenas as economias, mas também a forma como a aplicação da lei e a vigilância são conduzidas. A República Popular da China lançou o maior sistema público de vigilância baseado em IA do mundo e transferiu para a IA cada vez mais tarefas que antes eram realizadas por policiais humanos. Assim como os pilotos de drones, os policiais nas cidades chinesas passaram a trabalhar cada vez mais em centros de comando, observando telas que lhes permitem monitorar e gerenciar a segurança pública usando dados agregados, filtrados e visualizados pela IA. Os policiais humanos comandavam e coordenavam as unidades policiais com base nesses dados, mas modelos de linguagem de grande escala (LLM) estão assumindo essa função de “back-end”. Nas ruas, os avanços chineses em robótica

* Publicado originalmente como “China’s AI-Powered Surveillance State”, *Journal of Democracy*, Volume 36, Number 4, October 2025 © 2025 National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press.

significam que os robôs controlados por IA deixarão de apoiar a força de segurança humana e passarão a prender dissidentes diretamente.

No nível tático, a IA é cada vez mais capaz de executar todo o ciclo de aplicação da lei: coleta de informações, mobilização de viaturas, comando, planejamento e patrulhamento. No nível estratégico, o impacto da IA no Estado de vigilância da China é ainda mais profundo. A tecnologia tornou possível a integração massiva de dados não apenas dentro das cidades, mas no nível de províncias inteiras e, de fato, de todo o país (incluindo áreas rurais e desabitadas). O Partido Comunista Chinês (PCC) em breve criará um centro de comando digital nacional. O atual sistema de vigilância estatal chinês é corrupto, caro e exige muito esforço humano para funcionar. O PCC quer um que exija pouca participação humana, sendo “equipado” por uma IA que trabalhe por meio de drones, veículos autônomos e robôs humanoides.

Isso tornará o partido comunista que governa a China eternamente dominante? Esse regime algum dia controlará totalmente as emoções humanas ou eliminará a imprevisibilidade humana? Embora o PCC possa reduzir sua dependência de policiais humanos, ele continuará a ter de lidar com 1,4 bilhão de seres humanos que vivem dentro das fronteiras da China. Essas pessoas continuarão sendo altamente inventivas e imprevisíveis, especialmente quando enfrentam dificuldades econômicas ou pessoais. Se o PCC descuidar — por exemplo, se não conseguir proporcionar prosperidade econômica —, então nem todos os robôs, drones e câmeras do mundo serão capazes de conter a agitação social.

Há vinte e cinco anos, a República Popular da China começou a digitalizar seus ministérios, incluindo a polícia e os serviços públicos. Mais câmeras de vigilância foram instaladas. Hoje, existem 700 milhões delas — uma câmera para cada dois cidadãos. Ao mesmo tempo, há mais telefones celulares na China do que cidadãos. Os dispositivos de vigilância — sejam telefones, sensores inteligentes, relógios inteligentes ou outras tecnologias conectadas — já superaram em muito o número de policiais, tropas paramilitares e informantes que mantêm a segurança

do regime para a liderança do PCC. Os dispositivos online são os olhos e ouvidos do partido-Estado, sua chave para a consciência situacional.

Nos últimos quinze anos, o foco da China tem sido a integração de dados. Cidades e províncias têm utilizado diferentes empresas para fornecer tecnologia, o que significa que os sistemas nem sempre são interoperáveis. Mesmo dentro das cidades, a polícia frequentemente utiliza software que não funciona com outros serviços municipais. As cidades foram o primeiro foco dos esforços de integração de dados, que agora se estendem às províncias. A conurbação urbana de Pequim-Tianjin-Hebei, onde vivem cerca de 109 milhões de pessoas, foi palco do primeiro trabalho interprovincial de compartilhamento de “big data”, e Jiangsu-Xangai-Zhejiang (174 milhões de pessoas) também foi adicionada à lista. O PCC pode, assim, monitorar mais de 20% dos 1,4 bilhão de habitantes da China por meio de um único par de telas. O sonho do partido-Estado de uma “governança em uma única tela” está cada vez mais perto de se tornar realidade.

O alto escalão do PCC está ansioso para obter uma visão direta e próxima dos eventos que se desenrolam em toda a China, sem a necessidade de depender de relatórios filtrados por várias camadas de burocratas com suas próprias agendas. Os funcionários locais perderão tanto a capacidade de minimizar conflitos e incidentes quanto a capacidade de exagerar os sucessos. Câmeras, computadores e robôs não tentam evitar punições ou ganhar promoções (pelo menos não ainda), então os líderes do PCC se sentem confiantes de que estão recebendo mais do que nunca uma imagem mais clara da “China real”.

À medida que o alcance geográfico das tecnologias de vigilância cresce, o mesmo ocorre com o controle do PCC. Os céus acima das cidades chinesas estão repletos de drones. Por meio deles, os securocratas podem monitorar também além dos limites da cidade. A vigilância no interior está se tornando mais comum. A futilidade será o resultado de qualquer escapada rural, como a que o protagonista de *Admirável Mundo Novo*, John Savage, tentou ao fugir para o farol no romance de Aldous Huxley de 1932. Na China dos anos 2020, o Estado de

vigilância assombra tanto o verde campestre quanto o asfalto urbano. Hangzhou, cidade natal da DeepSeek e a cidade mais tecnologicamente avançada da China, já era capaz de rastrear carros há uma década e agora rastreia pedestres, ciclistas e o fluxo de mercadorias em aeroportos e estações ferroviárias.

Outra vantagem que as autoridades da China esperam obter com a IA é a capacidade de reagir às dúvidas e reclamações dos cidadãos antes que as pessoas se tornem frustradas, irritadas e imprevisíveis. A IA com capacidade de raciocínio está sendo integrada aos serviços municipais. Os chatbots respondem às perguntas dos cidadãos sobre questões administrativas. Em Hangzhou, o City Brain GPT oferece aos cidadãos “funcionários públicos” digitalizados.¹ A IA mais recente, especialmente os LLM da DeepSeek, pode permitir que a polícia pesquise centenas de milhares de câmeras de vigilância em tempo real para encontrar, por exemplo, uma pessoa com um moletom verde ou um carro específico fazendo algo incomum na última semana. Além disso, a IA pode sugerir à polícia para onde enviar patrulhas e em que horários, ou quantos policiais podem ser necessários para uma determinada cena de crime ou acidente.

Na China dos anos 2020, o Estado de vigilância assombra tanto o verde campestre quanto o asfalto urbano. Hangzhou, cidade natal da DeepSeek e a cidade mais tecnologicamente avançada da China, já era capaz de rastrear carros há uma década e agora rastreia pedestres, ciclistas e o fluxo de mercadorias em aeroportos e estações ferroviárias.

O mais recente LLM de raciocínio da DeepSeek é barato o suficiente para ser usado na implantação em larga escala de “agentes” de IA (software de tomada de decisão). Isso mudará a vigilância do modo passivo (câmeras e sensores veem e ouvem) para o modo ativo. Uma pessoa pode ter um agente de IA para fazer reservas de viagem, mas se o PCC pedir ao agente de IA para limitar os movimentos geográficos de um dissidente,

essas reservas serão canceladas. A polícia poderia instruir todos os agentes de IA a garantir que uma determinada pessoa nunca saia de seu bairro. Ou um agente poderia desativar a compra de quaisquer serviços de transporte pessoal por meio da conta WeChat Pay de uma pessoa, sem bloquear a capacidade dessa mesma conta de pagar por alimentos ou contas de rotina.

Em março de 2025, a Lenovo apresentou o Urban Super Intelligent System (sistema urbano superinteligente) como uma atualização da plataforma de gestão urbana City Brain.² O novo sistema pode executar decisões, não apenas sugeri-las. O produto da Lenovo apresenta um único superagente de IA que coordena os agentes de IA responsáveis pela execução das decisões. Os agentes de IA comerciais e de transporte, por exemplo, trocam informações sobre tráfego, dados de vendas, fluxos de passageiros e preferências dos consumidores. Os agentes de IA de segurança pública trabalhariam em conjunto com agentes comerciais e outros agentes de IA para executar tarefas de forma autônoma.

Após um protesto popular, em um cenário hipotético, um policial humano poderia instruir o superagente de IA a garantir que tal protesto não se repita. O superagente de IA então pediria aos agentes de IA de segurança de campo que identificassem todos os envolvidos, acessassem seus padrões de movimento, e os impedissem de usar o transporte público por dois dias, mantendo também todos os seus veículos pessoais dentro de limites geográficos. Um agente de IA de propaganda criaria notícias e conteúdo nas redes sociais descrevendo os protestos de maneira negativa, e enviaria mensagens privadas individuais para as redes sociais de todos aqueles vistos protestando, para marcá-los como pessoas que amigos, parentes e conhecidos deveriam evitar.

Para “reabilitar” os manifestantes, o superagente de IA ordenaria ao agente de IA dos serviços públicos da cidade que todos os manifestantes passassem várias horas por semana prestando serviços comunitários e uma hora por dia interagindo por telefone ou computador com um agente de IA de recuperação que misturaria perguntas de interrogatório com doutrinação ideológica. O superagente de IA acompanharia o progresso

ideológico e ajustaria as instruções aos agentes de IA de campo conforme necessário. A falta de progresso ou a recusa em participar significaria que as medidas punitivas permaneceriam em vigor ou se tornariam ainda mais severas. Os funcionários humanos precisariam se envolver apenas em casos anômalos.

A Lenovo escolheu Wuyishan e Yichang como as duas primeiras cidades a dar esse passo no desenvolvimento de cidades inteligentes utilizando agentes de IA. Yichang possui uma extensa geração de energia hidrelétrica (e, portanto, energia barata para computação), enquanto Wuyishan é um movimentado centro turístico. O papel humano na gestão dessas duas cidades está diminuindo para uma participação superficial.³ Por ora, os humanos estão definindo metas e aprovando decisões cruciais, mas o sistema pode em breve não precisar mais deles. Cada vez mais, as máquinas conversam com outras máquinas para coordenar todas as fases de vigilância e controle.

Como a IA preenche as lacunas de segurança do PCC

Uma grande vulnerabilidade do Estado de vigilância é que ele ainda é incorpóreo. Como escreve Minxin Pei:

Nas últimas oito décadas, o PCC construiu uma vasta rede de milhões de informantes e espiões cujo trabalho, muitas vezes não remunerado, tem sido fundamental para a sobrevivência do regime. São esses homens e mulheres, mais do que câmeras ou inteligência artificial, que têm permitido a Pequim suprimir a dissidência. Sem uma rede desse tamanho, o sistema não poderia funcionar.⁴

São os policiais que fazem inspeções regulares para garantir que os cibercafés estejam registrando corretamente os documentos de identificação das pessoas, ou que verificam certos indivíduos (tibetanos, uigures, dissidentes). Pei está correto ao afirmar que a intimidação

funciona melhor quando alguém bate à porta, e também está certo ao apontar que a infraestrutura de vigilância da China ainda é principalmente passiva. A localização de celulares e câmeras de reconhecimento facial podem informar ao PCC quem esteve em um cibercafé e por quanto tempo, mas os robôs ainda não realizam verificações “presenciais” de indivíduos de interesse.

Durante a última década, o PCC teve olhos e ouvidos, e até mesmo um cérebro para processar e dar sentido aos dados. Ele tem redes 5G e cabos de fibra óptica que servem como vias neurais que transportam informações de câmeras de circuito fechado de televisão (CFTV) para centros de computação em nuvem. Mas tudo isso permanece passivo. E, mesmo quando o Estado de vigilância se torna ativo por meio de agentes de IA, essas ações permanecem principalmente na internet. A infraestrutura de vigilância só pode bloquear o acesso das pessoas a serviços. As passagens de trem das pessoas podem não funcionar. Seus veículos conectados podem não dar partida. Seus e-mails e mensagens de texto podem ser filtrados por software de censura.

A infraestrutura de vigilância técnica carecia de recursos e, portanto, precisava contar, como observa Pei, com agentes humanos “in loco”. O PCC tem tentado mudar isso. O primeiro passo foi introduzir drones aéreos que pudessem seguir os manifestantes pela cidade. Os veículos autônomos cumprem uma finalidade semelhante. O aumento das capacidades dos carros autônomos significa que, em breve, eles serão capazes de fazer mais do que receber ordens remotas para não dar partida. E se um dissidente entrasse em seu carro um dia e descobrisse que as portas estavam sendo trancadas remotamente (com as travas tornadas inoperantes por qualquer pessoa dentro do carro, também por comando remoto) e seu carro autônomo dirigisse sozinho até uma delegacia de polícia com ela presa dentro? Esse tipo de cenário distópico aterrorizante é o sonho do PCC.

No entanto, o PCC não deseja somente drones e carros autônomos. Para fiscalizar as ruas e os edifícios por meio de uma “IA corpórea”, o partido-Estado quer implantar robôs humanoides controlados por IA e

com membros físicos cujas habilidades em breve rivalizarão ou superarão as dos seres humanos. Em março de 2025, o Departamento de Segurança Pública de Binjiang, em Hangzhou, apresentou um robô humanoide chamado “Bin Xiaoxin”.⁵ Ele pertence a uma rede de drones aéreos, robôs de duas e quatro patas e veículos autônomos. As máquinas têm recursos de reconhecimento facial e podem criar instantâneos virtuais tridimensionais de cenas de crime. Como máquinas, elas precisarão de tempo de inatividade para recarga e manutenção, mas a ideia é ter um número suficiente para tornar possível o patrulhamento em tempo integral.

Pei argumenta que o Estado de vigilância do PCC é intensivo em mão de obra, em parte porque o partido-Estado quer evitar ter que depender de uma única agência e fluxo de informações e, por isso, criou vários órgãos de segurança e inteligência diferentes. Isso dá às autoridades dos escalões mais altos uma visão mais completa do que está acontecendo em toda a China, ao mesmo tempo em que promove rivalidades burocráticas e “guerras territoriais” que podem ser manipuladas de cima para manter o aparato de segurança como um todo sob controle e sujeito ao partido. A resposta do PCC à pergunta “quem vigia os vigilantes?” é, em outras palavras, ter vários vigilantes rivais. Uma implicação disso é que a polícia secreta não é a única fonte de informação das autoridades centrais.

Um fluxo paralelo de informações é coletado por câmeras de CFTV e outros sensores, analisado por IA e, em seguida, visualizado em telas grandes em centros de comando municipais e interprovinciais para visualização por altos funcionários da segurança — tudo isso em questão de segundos. O presidente do PCC, Xi Jinping, e seus colegas apreciam ter informações relevantes para a segurança pública que a IA agregou e analisou, e que os burocratas não tiveram chance de interferir, manipular ou distorcer. A China teve um “imperador” por muitos séculos, mas nunca um com o panóptico digital no centro do qual está o presidente Xi.

Ainda existem algumas limitações geográficas, então o panóptico digital chinês continua sendo uma obra em construção. A província de Hebei é vizinha de Pequim e compartilha um “cérebro interprovincial” de IA com a capital nacional. As informações do distante Tibete, por outro lado, ainda precisam passar por várias camadas de burocratas. Em breve, porém, os dados das ruas de Lhasa, capital do Tibete, poderão fluir diretamente para Pequim em tempo real.

Os “dispositivos de borda” da nova estrutura de segurança — drones, robôs, câmeras — têm pequenos cérebros digitais que cumprem objetivos inteligentes muito específicos, como identificar o rosto de um fugitivo em meio a uma multidão. Essas informações são enviadas para um cérebro da cidade, mais uma camada de inteligência, onde se busca o objetivo maior de prevenir distúrbios generalizados. Em resumo, o Estado de vigilância chinês funciona como um polvo. Cada um dos oito braços (cérebros) pode agir de forma independente, mas o cérebro central ainda é capaz de aplicar um controle de cima para baixo. Wu Zhiqiang, da Academia Chinesa de Engenharia, tem uma visão semelhante. Ele vê a cidade como um sistema composto por um cérebro principal e cérebros auxiliares. Juntos, eles criam uma inteligência social “multicerebral”, que aprende como as comunidades sociais funcionam e usa a colaboração de muitos cérebros digitais para governá-las.⁶

As vulnerabilidades remanescentes do PCC

A crescente dependência do PCC em relação à tecnologia avançada traz uma nova vulnerabilidade: a IA rebelde. Já existem LLM que mentem, desativam seus mecanismos de supervisão ou acessam servidores externos. À medida que a IA se torna mais poderosa, essa tendência pode aumentar. A IA de segurança pública na China é projetada para detectar padrões complexos, reunir experiências do mundo real e aprender com as interações sociais. Cada robô humanoide está constantemente aumentando seu próprio conjunto de experiências. A IA se treina com

base no que absorve. Os agentes de IA corpóreos são projetados para buscar o aprendizado autônomo e o autoaperfeiçoamento. Se o Robô A acumular experiências que o levem a se tornar bom em perseguir pessoas, isso poderá eventualmente destacá-lo como um caçador eficiente.

O foco atual dos desenvolvedores na China é tornar os robôs mais parecidos com os humanos, para que aprendam tão rápido quanto crianças pequenas, usando dados do mundo real e não apenas o que está disponível na internet. À medida que os policiais robôs aprendem a se tornar mais humanos, eles poderiam aprender (entre outras coisas) “atalhos” na busca dos objetivos básicos para os quais foram programados? Isso seria uma espécie de corrupção robótica, ignorando regras não por suborno, mas em prol de uma maior eficiência. Se um robô de patrulha percebesse instruções de um policial humano como algo ineficiente, o robô poderia ficar propenso a desativar seu mecanismo de supervisão? Pode haver momentos em que as autoridades humanas não queiram que seu robô “caçador eficiente” persiga da maneira mais agressiva possível. Mas será que o robô sempre obedecerá? E esse cenário envolve apenas um pequeno cérebro digital em um único dispositivo de borda. E se algo assim acontecesse no nível sistêmico, com o multicérebro de uma cidade ou uma província inteira?

Por ora, os robôs só têm permissão para identificar comportamentos suspeitos, não podem prender pessoas. Mas isso pode mudar. Eles estão autorizados a orientar as pessoas, mas não podem acalmar pessoas que estão com raiva ou sob forte emoção. A polícia da República Popular da China segue a máxima de “assistentes digitais, não tomadores de decisão digitais”.

Os policiais chineses sabem o que os robôs com inteligência artificial podem fazer e afirmam que os seres humanos são necessários por sua inteligência emocional e capacidade de gerenciar crises complexas. Mas e se as máquinas já forem, ou em breve forem, melhores nessas funções? Os chatbots de LLM já estão servindo a alguns humanos como terapeutas, conselheiros de vida e até mesmo parceiros românticos. Da mesma forma, os policiais robôs são bons em ouvir e refletir,

enquanto nem todos os policiais humanos têm grandes habilidades ou inclinações nessas áreas (sem falar dos policiais humanos que são brutos ou corruptos).

E quanto à gestão de crises? Os humanos são intocáveis nesse aspecto? Os robôs já são usados em operações complexas que apresentam altos riscos de danos aos policiais humanos: é melhor ter robôs para desarmar bombas ou invadir esconderijos suspeitos de criminosos violentos no meio da noite. À medida que os drones e robôs humanoides se tornam mais capazes, seu uso no lugar de humanos para lidar com crises só aumentará. O que é mais impressionante é a mudança na forma como os policiais da China se veem. A IA os transformou em gestores de tecnologia, preditores de risco e mediadores sociais, e eles sabem disso. Terá a tecnologia se tornado tão fundamental para o trabalho deles que eles dependem demais dela?

Mesmo sem “se rebelar”, a IA pode ameaçar a estabilidade. A dependência constante dela pode levar os policiais humanos a confiarem demais nela. À medida que os sistemas se tornam mais complexos, eles se tornam mais opacos. Isso fará com que os seurocratas se perguntem se devem confiar a segurança pública a um sistema que não compreendem totalmente?

Um problema mais sutil para o regime do PCC é o aumento do nível de expectativas dos cidadãos que pode advir da eliminação da corrupção policial e das múltiplas camadas da burocracia do partido-Estado. Os cidadãos podem muito bem perguntar: se o centro tem controle e supervisão imediatos, por que nossas queixas parecem não ser ouvidas? As agências de segurança da China há muito toleram reclamações sobre autoridades locais como forma de desviar o descontentamento dos líderes centrais do PCC. Um futuro cérebro digital nacional em Pequim implicará que as autoridades centrais tenham conhecimento e sejam responsáveis pelo que acontece nos níveis local e provincial.

Surpreendentemente, o PCC tem se esforçado muito para manter a distância física entre governantes e governados. Restringir os movimentos dos dissidentes é algo comum, usando rastreamento de celular

para garantir que eles não cheguem a uma parte da cidade onde ficam agências do governo ou outras propriedades sensíveis do regime. Esse foco em limites físicos está alinhado à classificação do PCC de protestos “na vida real” como uma ameaça mais grave do que a dissidência online. Os burocratas chineses acham que aperfeiçoaram o controle online, mas ainda lutam para encontrar uma maneira de lidar com o offline. Seu principal objetivo é impedir que grandes multidões se reúnam. Em 2022 e, novamente, em 2024, eles fracassaram notavelmente.

Em 13 de outubro de 2022, apareceram faixas na ponte Sitong, em Pequim, exigindo liberdade, eleições, o fim das mentiras e dos lockdowns devido à Covid-19, e a destituição do “ditador” e “traidor da pátria” Xi Jinping. Diz-se que pessoa que colocou as faixas, identificada por alguns como Peng Lifa, ainda se encontra detida. Em novembro, começaram a eclodir protestos contra o lockdown. Milhares de pessoas foram às ruas da China para expressar sua frustração com as medidas de restrição de movimento, que impunham a política de “Covid zero” de Xi e eram algumas das mais rígidas do mundo. Acredita-se que as manifestações tenham sido as maiores manifestações antigovernamentais desde o movimento da Praça da Paz Celestial, que o PCC reprimiu violentamente em junho de 1989. Ao contrário do caso anterior, elas não se limitaram a uma única cidade.

Esses protestos revelaram a maior vulnerabilidade do PCC: sua própria incompetência. O vírus na origem do problema pode ter sido criado pelo próprio governo chinês, com 80% a 90% de probabilidade de ter escapado do laboratório em Wuhan devido a um erro (segundo o Serviço Federal de Inteligência da Alemanha), e foi recebido com medidas duras, impopulares e equivocadas ordenadas pelo PCC em busca da “Covid zero”, que provocaram a ira do público sem conseguir conter a propagação do vírus.⁷

O mais notável é que os maiores protestos ocorreram na gigantesca cidade costeira de Xangai, onde a população local se reuniu para apoiar dez concidadãos que morreram a mais de três mil quilômetros de distância, em um incêndio em um arranha-céu em Urumqi, capital da

Região Autônoma de Xinjiang, em 24 de novembro. Os manifestantes acreditavam que as medidas de lockdown foram, pelo menos em parte, responsáveis pelas mortes. Eles ergueram folhas de papel em branco para simbolizar o luto e sua oposição às políticas do governo.

Os ciclistas da meia-noite de Kaifeng

Dois anos depois, dezenas de milhares de estudantes da província de Henan começaram a pedalar os 65 quilômetros de Zhengzhou a Kaifeng. Apelidadas de “dumpling runs (corridas de bolinhos), esses passeios ciclísticos após o anoitecer se tornaram uma mania no campus. Jovens sorridentes pedalavam durante toda a noite, hasteando a bandeira da República Popular da China em suas bicicletas compartilhadas e gastando o dinheiro do café da manhã em Kaifeng, uma cidade pitoresca e histórica que é uma das “Oito Capitais Antigas” da China. As autoridades tinham sua IA, seus drones e suas câmeras de CFTV para monitorar as excursões durante semanas, mas, mesmo assim, ficaram chocadas com a popularidade que os passeios alcançaram, encerrando-os abruptamente no início de novembro de 2024, quando os ciclistas congestionaram a rodovia e geraram preocupações com a segurança. Apesar de todas as ferramentas de alta tecnologia à sua disposição, as autoridades ficaram surpresas com uma explosão aleatória de puro capricho humano, apoiada pela energia da juventude e pelo poder de “viralizar” na internet.

Enquanto os seres humanos continuarem no controle do Estado de vigilância, enquanto continuarem a tomar decisões, a segurança do partido-Estado comunista permanecerá em dúvida — os seres humanos simplesmente cometem erros demais. Daí o dilema da liderança do PCC: deve confiar as decisões de segurança a sistemas de IA que ninguém compreende totalmente e que podem falhar ou cometer erros? Ou deve manter sua confiança no julgamento humano, mesmo que um erro no lugar e momento errados possa custar a vida do regime?

O comunismo soviético durou 74 anos, de 1917 a 1991. Sua contraparte chinesa completou 76 anos em 1º de outubro de 2025. Hoje, a repressão digitalizada é uma grande vantagem que a China tem e que a URSS não tinha. Pesquisas mostram que regimes que fazem uso da repressão digital duram mais do que aqueles que não o fazem. Na Alemanha Oriental comunista, a polícia secreta coletava mais dados do que seus analistas podiam processar, uma tarefa que agora se tornou trivialmente fácil com registros eletrônicos e IA. Ninguém faz vigilância e controle digital melhor do que a China. Ela é líder mundial nessas áreas e parece que continuará assim por algum tempo.

O PCC continuará corrigindo suas vulnerabilidades. As pessoas serão monitoradas cada vez mais de perto, e sua capacidade de se deslocar estará sujeita a restrições e flexibilizações cada vez mais refinadas, com base em avaliações cada vez mais detalhadas da IA. O PCC manterá a repressão por IA; Xi Jinping está bem ciente de como a URSS caiu e está determinado a não deixar o partido-Estado chinês seguir esse caminho. Ele se concentra na economia como sua chave imediata para a legitimidade, mas não se esquece de manter um controle rígido sobre a liberdade de expressão, de associação, de pensamento, de consciência e de discordância. Mesmo assim, a segurança do regime do PCC permanecerá profundamente vulnerável. A natureza humana é confusa, irracional e imprevisível — com manifestações nem sempre tão inofensivas quanto alguns passeios de bicicleta descontraídos. Esses passeios eram inofensivos em si mesmos (apesar dos engarrafamentos), mas expuseram o calcanhar de Aquiles do PCC. As autoridades cometeram erros de julgamento, deixando os ciclistas passarem e depois, em pânico, proibindo-os, quando a moda viralizou e as frotas de bicicletas ficaram grandes demais.

É improvável que as más decisões — inclusive nos níveis mais altos — desapareçam. Quem poderia imaginar que a decisão de cultivar vírus altamente contagiosos em um laboratório de biossegurança nível 4 (oficialmente o mais seguro) em Wuhan poderia levar ao medo pela

sobrevivência entre os líderes em Pequim? Ou que a política de Covid zero seria tão impopular?

Em condições de liberdade, a imprevisibilidade humana pode passar de uma fraqueza a uma força. Onde a sociedade civil é livre, onde as pessoas podem conversar e se reunir em paz, e onde o sistema político é competitivo, o descontentamento público e o desejo de mudança podem ser tratados como aspectos normais do sistema, que podem ser acomodados por meio da capacidade de resposta democrática. Assim, o descontentamento expresso publicamente e os protestos abertos não precisam ser vistos como choques alarmantes que ameaçam derrubar uma frágil estrutura autoritária. Em vez disso, e dentro de amplos limites, as queixas e os protestos podem oferecer um feedback democrático útil que pode ser levado em consideração e (após discussões e debates abertos) talvez colocado em prática por representantes do povo livremente escolhidos. Em resumo, a democracia tem uma resiliência inerente que a autocracia não possui.

A raiva expressada durante os protestos sobre a Covid-19 e a alegria compartilhada por milhares de pessoas pedalando pacificamente entre duas cidades foram duas emoções muito diferentes, mas ambas evidenciaram a vulnerabilidade do PCC. As emoções humanas e a imprevisibilidade continuarão sendo uma dor de cabeça constante para o partido-Estado, especialmente quando seus funcionários cometem erros, como fizeram no passado e certamente farão no futuro. Nenhuma quantidade de vigilância e controle por IA vai mudar essa dinâmica, e a tecnologia não pode tornar um sistema frágil resiliente — apenas a democracia pode.

Notas

- 1 Zhao Lu e Tu Youju, “杭州全面开启 ‘城市大脑3.0’ 建设” (Hangzhou lança oficialmente a construção do “Cérebro Urbano 3.0”), *Zhejiang Daily*, 31 março 2025, <https://baijiahao.baidu.com/s?id=1828119933477355350>.
- 2 “再下一城！全球首批城市超级智能体落地宜昌” (Outro sucesso! O primeiro lote mundial de agentes urbanos superinteligentes lançado em Yichang), *China Daily*, 20 março 2025, <https://baijiahao.baidu.com/s?id=1827109397143003768>.
- 3 Zeng Xiangling, “ ‘城市超级智能体’ 落地 · 联想智慧城市4.0 ‘功到自然成’ ” (“Superinteligência urbana” é lançada: a Smart City 4.0 da Lenovo é um sucesso natural), Baidu, 25 março 2025, <https://baike.baidu.com/tashuo/browse/content?id=82a3cad5d1ba2514648fe7df>.
- 4 Minxin Pei, “Why China Can’t Export Its Model of Surveillance”, *Foreign Affairs*, 6 fevereiro 2024, <https://www.foreignaffairs.com/china/why-china-cant-export-its-model-surveillance>.
- 5 Lu Tianran, “当机器人穿上警服：杭州街头的新 ‘警员’ 能否打破警察的铁饭碗？” (Quando os robôs vestem uniformes policiais: os novos ‘policiais’ nas ruas de Hangzhou conseguirão quebrar o monopólio da polícia?), Baidu, 24 março 2025, <https://baijiahao.baidu.com/s?id=1827349112869115832>.
- 6 “打造真正的城市级大脑 · 需要AI掌握 ‘群体智慧’ · 还要学会相互博弈” (Para construir um verdadeiro cérebro urbano, a IA precisa dominar a “sabedoria coletiva” e aprender a competir estrategicamente), *Shanghai Observer*, 8 julho 2023, <https://web.archive.org/web/20250423075321/https://export.shobserver.com/baijiahao/html/630479.html>.
- 7 Francesca Gillett, “German spy agency ‘believed Covid likely started in lab’”, BBC, 13 março 2025, <https://www.bbc.co.uk/news/articles/cz7vypq31z7o>.